

OS (DES)CAMINHOS DA MEMÓRIA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ: O CONFLITO MUCKER NAS TRILHAS DOS LUGARES DE MEMÓRIA DA CIDADE

THE (MIS)PATHS OF THE GERMAN IMMIGRATION MEMORY: THE MUCKER CONFLICT ON THE TRAILS OF THE TOWN'S MEMORY SITES

Daniel Luciano GEVEHR¹

Resumo: O trabalho analisa as representações construídas sobre o conflito Mucker (1868-1874) e de forma especial sobre sua líder, Jacobina Mentz Maurer. Detemo-nos, aqui, na análise do processo que envolve a produção e a difusão de representações sobre o episódio e que acabaram se materializando na construção de diferentes lugares de memória, localizados em diferentes espaços – tanto urbanos quanto rurais - do atual município onde ocorreu o conflito, que é Sapiranga (RS). Com isso, buscamos discutir os elementos simbólicos presentes nessa construção e como esses foram alvo de reinterpretações ao longo do tempo, culminando na produção de símbolos que manifestam, materialmente, um imaginário sobre o episódio e sobre a líder do Mucker, Jacobina.

Palavras-chave: Mucker. Lugares de memória. Monumentalidade.

Abstract: The present study analyzes the representations built upon the Mucker conflict (1868-1874) and the group's leader, Jacobina Mentz Maurer. We have chosen to focus on analyzing the process involving the production and diffusion of the representations on the referred episode, which ended up materializing in the construct of different memory sites, which are located in different spaces – both within the urban and the rural sphere – in the town where the conflict took place, namely Sapiranga (RS). Thus, we have sought to discuss the symbolic elements present in such construct as well as how these elements became targets of reinterpretations through time. It has culminated in the production of symbols that materially translate into a powerful imaginary regarding the episode and the Muckers' leader, Jacobina.

Key words: Mucker. Memory sites. Monumentality.

¹ Doutor em história pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e professor das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) e Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI).

Na historiografia mais recente é notável a preocupação com estudos que se propõem a discutir o processo de produção da memória sobre os movimentos messiânicos brasileiros, como são os casos dos episódios de Canudos e Contestado. Observamos, nesse caso, uma busca, cada vez maior, em analisar esses episódios a partir de novas problemáticas, que vinculam os fatos e personagens associados a eles com a produção da memória e também dos lugares de memória.

Tendo como ponto de partida a questão que envolve a produção da memória e sua vinculação com os lugares de memória – e sua materialidade simbólica – buscamos investigar como, em diferentes épocas e contextos, se produziram imagens e idealizações sobre um desses movimentos messiânicos discutidos pela historiografia brasileira, que é o conflito Mucker². Assim, inicialmente se faz necessária uma breve contextualização sobre as elementos centrais que estiveram envolvidos no conflito.

O conflito Mucker (1868-1874) marcou de forma definitiva a história do atual município de Sapiranga (RS) no qual ocorreu o conflito e que no século XIX integrava a Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo, fundada em 1824 por D. Pedro I. O conflito, de caráter messiânico, ocorreu em um ambiente de muitas transformações econômicas e sociais do século XIX, em especial no que diz respeito à política imigratória para o sul do Brasil e, acabou sendo alvo, após seu desfecho, de inúmeras interpretações.

Jacobina Mentz Maurer e seu marido João Jorge Maurer são apontados como protagonistas desse movimento, sendo acusados por parte dos moradores da Colônia e pelas autoridades, de praticar curandeirismo e cultos em sua casa, que ficava nas imediações do morro Ferrabraz. Essas práticas eram associadas ao ambiente de fanatismo religioso que teria se criado no Ferrabraz, fazendo com que as autoridades tomassem ações, no sentido de acabar com o grupo, que havia se constituído em volta da líder Jacobina. O desfecho disso se deu em 1874, quando as forças imperiais acabaram com o grupo que se reunia ao pé do morro Ferrabraz, onde também ficava a casa de Jacobina e local onde se realizavam seus cultos. O conflito resultou em uma série de mortos, de ambos os lados do conflito.

Tomando os diferentes aspectos históricos que estiveram envolvidos no conflito, detemo-nos inicialmente, na análise das imagens construídas e difundidas sobre Jacobina Maurer através da fotografia, do cinema, da pintura, - e especialmente - da monumentalidade, bem como da construção dos lugares de memória. Destaca-se

² O termo Mucker tem origem na língua alemã e pode significar santarrão, beato, fanático religioso. Nesse caso, foi empregado para identificar o grupo liderado por Jacobina no Ferrabraz, dando assim um sentido pejorativo ao grupo.

nesse processo a vinculação que cada uma delas apresenta com o seu contexto de produção e os interesses dos diferentes grupos sociais que as forjaram.

Atentamos, ainda, para o processo de ressignificação dessas imagens e representações³, identificando as transformações significativas de que foram alvo, ao longo do período que compreende o final do século XIX até os dias atuais. Destacamos, sobretudo, o processo de manipulação da memória e dos sentimentos coletivos da comunidade em que o episódio ocorreu, evidenciado na eleição dos símbolos e dos lugares de memória da cidade de Sapiranga (RS), através dos quais se deu a materialização dessas imagens e dos sentimentos coletivos em relação aos Mucker.

Inicialmente, a difusão de determinadas representações sobre os Mucker e sobre sua líder Jacobina, se deu através da publicação da obra *Os Mucker* (1906), por Ambrósio Schupp, um jesuíta alemão que chegou ao Brasil em 1874, mesmo ano do desfecho do conflito. Deve-se, principalmente ao conteúdo de sua obra, a construção de um imaginário essencialmente negativo em relação ao grupo liderado por Jacobina e que acabou se difundindo entre a população. Mesmo com estudos posteriores, como o de Leopoldo Petry (1957) e de estudos acadêmicos como os de Janaína Amado (1976), João Guilherme Biehl (1991) e Maria Amélia Dickie (1996), que procuraram dar outras versões sobre o conflito, os Mucker continuaram sendo conhecidos pela comunidade sapiranguense como um grupo de fanáticos religiosos até o início do século XXI.

A ausência de fontes documentais produzidas pelo próprio grupo fez com que durante muito tempo a única versão dos fatos fosse a presente nos autos dos processos judiciais e nas fontes orais do lado daqueles que derrotaram os Mucker. Daí ser possível falar de uma ausência de “voz” por parte dos vencidos, que não tiveram a oportunidade de “contar” a sua própria versão dos fatos. Outro fator, que em nossa análise julgamos essencial, é a ausência de imagens que materializem os personagens ou até mesmo o cenário na época do conflito, o que torna o grupo – e de forma especial sua líder Jacobina - mais enigmático.

A única forma de registro que encontramos sobre a líder dos Mucker é uma fotografia, cuja veracidade é fortemente questionada, que apresenta Jacobina junto ao seu marido João Jorge Maurer, conhecido como o curandeiro e que realizada milagres

³ Não desconhecemos a diversidade de abordagens sobre as representações sociais, contudo, valemos, especialmente, dos estudos realizados por Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Bronislaw Baczko. Consideramos também extremamente válida a observação feita pela historiadora francesa Denise Jodelet de que “elas [as representações sociais] expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações.” (JODELET, 2001, p. 03)

de cura no Morro Ferrabraz, lugar de moradia do casal e onde se realizavam as atividades do casal.



Figura 1: Fotografia do Casal Maurer (DOMINGUES, 1977, p. 7).

A fotografia acima (Fig. 1) é apresentada na obra *A Nova Face dos Mucker*, produzida por Moacyr Domingues, após exaustiva pesquisa documental (DOMINGUES, 1977, p. 7). Entretanto sobre sua autenticidade, se colocam várias dúvidas.

Além da produção historiográfica existente sobre o conflito e da veiculação de determinadas imagens e representações sobre sua líder, precisamos observar o processo que envolveu a ressignificação do episódio ao longo das décadas que se sucederam ao seu desfecho. A própria imprensa foi, nesse sentido, um importante veículo de difusão de imagens e representação sobre os Mucker, que acabou reforçando o imaginário fanatizado e unilateral sobre os fatos ocorridos no morro Ferrabraz.

Exemplo concreto dessas manifestações, que acabaram reforçando o imaginário negativo em relação aos Mucker, foi a própria imprensa sapiranguense, que nas décadas de 1950 e 1960 publicou, através dos escritos de Leopoldo Sefrin, no *Jornal O Ferrabraz*⁴, uma série de reportagens sobre o episódio. Nela, os Mucker foram

⁴ O nome escolhido para o jornal dos sapiranguenses - O Ferrabraz – foi uma forma de identificar a imprensa local com a comunidade, na medida em que o morro era conhecido dos sapiranguenses e fazia parte da paisagem local. O jornal foi fundado em 1º de dezembro de 1949, por Guilherme José Powolny, nascido na Alemanha, no ano de 1904. Chegando em Sapiranga, Powolny fundou a Gráfica Sapiranga ao mesmo tempo em que foi diretor do jornal. O fato de ser estrangeiro obrigou-o, por motivos legais, a colocar – oficialmente – outra pessoa como proprietário de seu jornal. Para essa função, foi escolhido Leopoldo Luiz Sefrin, figura importante no meio social da cidade. O jornal procurava se mostrar como um veículo que procurava *publicar as notícias de interesse coletivo da população de São Leopoldo*, sendo essa sua filosofia estampada na capa das edições, sempre abaixo do nome do jornal. Na década de 1950, a tiragem do jornal alcançava entre 1500 e 2000 exemplares, a grande maioria com destino certo, uma vez que a grande maioria de seus leitores eram assinantes. Não temos informações precisas sobre o número de leitores do jornal. Todavia, sabemos que o número de exemplares ficava em torno de 1500, levando-nos a acreditar que o número de leitores não chegava a 5000 pessoas. Essas edições eram, em sua maioria, vendidas por assinatura e eram de circulação local para uma população que chegava a pouco mais de 12000 habitantes.

sempre apresentados como culpados e Jacobina como a principal responsável pelas atrocidades ocorridas no Ferrabraz.

No sentido contrário da visão que apresenta o conflito como resultado do fanatismo religioso, observamos, na década de 1990, o início de um novo período das representações e idealizações construídas sobre os Mucker. Merece destaque nesse novo contexto a obra literária *Videiras de Cristal*, de Antônio Luiz de Assis Brasil. O romance histórico⁵ em questão abriu espaço, em nível estadual e nacional, para a discussão sobre o tema, algo que de certa forma ainda se mostrava bastante velado na região em que ocorreu o massacre. Observa-se, de fato, que as pessoas ainda tinham receio em falar sobre o tema na região. É precisamente a partir dessa fase que podemos falar em um amplo processo de ressignificação e difusão de novas imagens e representações sobre os Mucker e especialmente sobre sua líder Jacobina.

O novo contexto do final do século XX e as novas perspectivas de desenvolvimento da região foram condicionantes significativos que nos permitem compreender como os Mucker foram alvo de ressignificações, que os colocaram não mais apenas na condição de culpados, mas num processo que nos permite identificar a heroicização de sua líder e, conseqüentemente, do grupo por ela liderado. Esse processo, de significativa transformação no âmbito da criação e difusão de imagens sobre os Mucker, se tornou mais evidente se observarmos o processo que envolveu a criação daquilo que Pierre Nora chama de *lugares de memória*. Esses lugares, que procuram marcar no tempo e no espaço os lugares dos Mucker foram alvo de manipulação e ressignificação, na medida em que os interesses presentes especialmente no início do século XXI se associavam a ideia de projeção de Sapianga no cenário nacional, especialmente através do filme *A Paixão de Jacobina*⁶, produzido pela família Barreto em 2002.

⁵ Identificamos na narrativa de Assis Brasil uma forte vinculação de Jacobina com o ambiente da Colônia Alemã e com os diferentes laços que a personagem estabeleceu no meio social recriado. Nesse sentido, destacamos que, embora o autor não tenha se proposto a “contar a história” de Jacobina, acabou contribuindo de forma decisiva – no contexto da década de 1990 em diante – para a difusão de um imaginário sobre a líder dos Mucker. É nessa perspectiva, de discutir a produção – e difusão – de uma nova imagem de Jacobina, associada não mais apenas ao fanatismo religioso e ao desregramento social, que inserimos a obra “Videiras de Cristal”. A Jacobina apresentada por Assis Brasil passava, através da literatura, a ter uma nova representação, muito mais positiva. Representação essa, que acabou se materializando no imaginário social e contribuindo para a (re) produção de uma nova memória sobre a líder dos colonos que haviam se organizado no morro Ferrabraz.

⁶ Como sugere o título, o filme explorou a sensualidade e o fanatismo de sua personagem central, Jacobina Maurer. A “paixão”, neste caso, definia-se como o fanatismo religioso de Jacobina, cuja figura misturava sensualidade e nudez como expressão de sua entrega a Deus. Foi em meio a esse ritual que misturava fanatismo e sensualidade que Jacobina surge como personagem central do filme. Não podemos esquecer que se tratava de colonos que levavam uma vida bastante simples, assim como também eram suas casas, suas roupas e sua própria forma de falar, que não se comparava com as mostradas nas cenas de *A paixão de Jacobina*. Isso nos leva a crer que não houve preocupação com uma caracterização fiel do ambiente de época, mas sim a criação de um cenário que pudesse agradar os espectadores. Neste caso, o Ferrabraz e os personagens apresentados no filme dos Barreto não foi o

Com o propósito de compreender o processo que envolveu a construção dos lugares de memória e a difusão de imagens e representações sobre os Mucker e sobre a líder Jacobina, atentamos para aquilo que Halbwachs (2004, p. 150) nos diz sobre os lugares de memória. Para ele, os lugares que percorremos nos fazem lembrar de fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da memória coletiva. A construção de monumentos, a denominação de lugares e a preocupação com a valorização de personagens do passado estão diretamente associadas a uma memória coletiva. Dessa forma, quando uma comunidade elege seus lugares de memória e também seus símbolos e heróis - que passam a representá-la - pode-se perceber os condicionantes que estiveram envolvidos nesse processo de construção das representações.

As várias interpretações sobre os Mucker acabaram difundindo diferentes versões e, especialmente, definindo os “heróis” e os “culpados” do conflito. Em seu estudo sobre a difusão de imagens construídas sobre as mulheres do sul do Brasil, Joana Pedro (2004, p. 283) mostra-nos como é praticamente impossível mensurarmos a apropriação de representações sociais. Para ela, pode-se tentar compreender e avaliar o impacto que as idéias difundidas causaram no meio social, embora seja impossível mensurar o grau de aceitação e da conseqüente internalização das idéias difundidas.

Outra questão importante em nossa pesquisa é a compreensão da construção dos símbolos associados aos fatos e personagens que marcaram a história de um grupo. Sobre essa questão, José Murilo de Carvalho (1990, p. 13) refere-se à associação existente entre construção dos imaginários sociais e a criação de diferentes símbolos para reforçar uma determinada visão sobre o passado. Para ele, a manipulação dos símbolos, das alegorias e até mesmo dos mitos criados sobre os personagens históricos nos ajuda a compreender a dinâmica que envolve a construção dos imaginários sociais.

Já com relação à dinâmica que envolve a análise das representações sociais e a construção dos lugares de memória dos Mucker em Sapiranga, resgatamos aquilo que a historiadora Sandra Pesavento (2002, p.162) chama de *ressemantização do tempo e do espaço*. Para ela, é preciso considerar as transformações de caráter econômico,

morro Ferrabraz “real”, natural, com sua geografia recortada, com sua vegetação densa e de difícil acesso. Pelo contrário, o morro Ferrabraz de A paixão de Jacobina foi o construído cenograficamente pelas mãos dos encarregados da montagem dos cenários. Com casas perfeitamente pintadas e com tratamento paisagístico, agricultores alinhados e com roupas feitas de tecidos finos, cujas características em nada se assemelhavam às dos colonos da zona rural de São Leopoldo. O filme, por isso, construiu uma imagem ficcional do Ferrabraz e de seus moradores, que em nada se associava ao ambiente vivido pelos Mucker.

político, social e cultural, para que se torne possível a realização de uma leitura das representações sociais construídas num determinado contexto.

Assim, nossa análise parte do entendimento de que a constituição dos lugares de memória dos Mucker ocorreu - num primeiro momento - como manifestação do sentimento de condenação e de rejeição aos Mucker. Exemplo dos efeitos dessa condenação foi a celebração de Genuíno Sampaio, comandante das tropas oficiais contrárias aos Mucker, como herói do conflito. Cabe ressaltar que, nesse processo de construção das representações sobre os Mucker, foram *evocados sentidos, vivências e valores* (PESAVENTO, 2002, p. 16) que deveriam ter significado para a comunidade. Nesse sentido, especialmente Jacobina foi apresentada como uma “mancha do passado”, que devia ser lembrada como contraponto às aspirações da nova sociedade que se reorganizava após o desfecho do conflito e que tinha essa mulher como exemplo a não ser seguido.

A eleição desses dois personagens – como representantes dos dois lados do conflito – remete-nos à análise feita por Carvalho (1990, p.14), para quem o processo de “heroificação” inclui necessariamente *a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas*, o que ocorreu com Jacobina e Genuíno. Além do papel desempenhado pelos testemunhos na construção de representações sobre os Mucker, deve-se ressaltar a importância – atribuída por Halbwachs – da constituição dos lugares de memória e sua significação. Tomando essas considerações como referência para nossa investigação, passamos a analisar os condicionantes envolvidos na construção dos lugares de memória dos Mucker em Sapiranga.

Fundamental para a análise do processo de construção dos lugares de memória é considerarmos o significado que esses diferentes lugares apresentam. É nesse sentido que destacamos a criação dos diferentes lugares de memória (monumentos, praças, instituições, etc.) dos Mucker em Sapiranga, município onde ocorreu o episódio no final do século XIX, seguindo a interpretação proposta por Françoise Choay (2001, p.17), para quem os monumentos servem para advertir ou lembrar, tocando nas emoções.

Demonstração dessa tentativa – a de criar lugares de memória - através da monumentalização, temos no túmulo localizado no Cemitério do Bairro Amaral Ribeiro e, que tem o morro Ferrabraz ao fundo.



Figura 2: Túmulo do Cemitério do Amaral Ribeiro (Acervo do Autor)

A *sepultura* construída em 1874 foi a primeira representação monumental construída pela comunidade da Colônia Alemã para homenagear aqueles que haviam dado sua vida no combate aos Mucker. Esse monumento (Fig. 2), localizado no cemitério do Amaral Ribeiro, em Sapiranga, procurou enaltecer a ação dos colonos mortos em combate, ao mesmo tempo em que apontou os Mucker como seus assassinos. Na lápide da sepultura, encontramos uma homenagem, escrita em alemão, prestada aos homens que morreram em virtude dos supostos ataques dos Mucker e assinada pelos moradores da colônia. Como contraponto disso, temos o fato de Jacobina, juntamente com dezenas de Mucker assassinados, terem sido enterrados em uma vala comum nas proximidades do local onde ficava a residência de Jacobina e onde seria, décadas mais tarde, erguido o monumento em homenagem ao coronel Genuíno.

Além da sepultura, que é o primeiro lugar de memória construído sobre os Mucker, temos o *Monumento alusivo ao Coronel Genuíno Sampaio* (Fig. 3) e a Cruz de Jacobina, ambos localizados ao pé do morro Ferrabraz. A materialização do primeiro tinha como finalidade homenagear o Coronel Genuíno Sampaio, líder das tropas contrárias aos Mucker e que havia tombado em combate em 21 de julho de 1874.



Figura 3: Monumento do Coronel Genuíno Sampaio (Acervo do Autor)

O monumento, construído em 1931 e inaugurado no ano seguinte, resultou da iniciativa de um morador de Sapiranga, Reinaldo Scherer, um jovem morador do morro Ferrabraz, que, através do seu gesto, transformaria Genuíno num herói para a comunidade sapiranguense. Naquele momento a ideia do jovem morador da colônia era entendida pela comunidade como uma forma de tradução dos sentimentos coletivos, que assim se materializavam no projeto elaborado por Scherer, um colono que habitava as imediações do Ferrabraz.

Concomitantemente ao ato de inauguração do monumento, que contou com várias autoridades, registramos a entrega a alguém, cujo nome não é mencionado, mas que acreditamos se tratar de um vereador da Câmara de Vereadores de São Leopoldo, da *Bíblia* que supostamente Jacobina utilizava em suas pregações religiosas. Destacamos o simbolismo que reveste esse ato, que confiava às autoridades a guarda de um dos símbolos das crenças praticadas por Jacobina, impedindo, dessa forma, que o fanatismo fosse retomado.

Já a colocação de uma *cruz* no local em que Jacobina foi assassinada (Fig. não ocorreu da mesma forma. Ao que tudo indica, a colocação de uma cruz de madeira no local onde Jacobina e mais 16 adeptos foram mortos no dia 02 de agosto de 1874 deu-se apenas na década de 1910. A execução dessa obra, no entanto, não foi registrada através de fotografia, nem em documento escrito ou de qualquer ato oficial de inauguração, o que revela o aspecto não oficial e que procurava não despertar a atenção da comunidade em relação ao feito, uma vez que Jacobina não deveria ser evocada novamente nos sentimentos – e na memória - da comunidade.



Figura 4: Cruz da Jacobina (Acervo do Autor)

Tomados como *símbolos espaciais* (OLIVEIRA, 2003, p. 09), tanto a cruz de Jacobina quanto o monumento alusivo ao Coronel Genuíno Sampaio foram erguidos pela comunidade local no cenário onde havia ocorrido o conflito, possuindo nítidos significados antagônicos. Essas visões polarizadas, entre “o bem e o mal”, foram

responsáveis, em grande medida, pela construção do imaginário social sobre os Mucker.

Seria somente no início do século XXI que Jacobina teria um monumento construído em sua homenagem (Fig. 5). O monumento erguido na praça (conhecida popularmente como “Praça da Jacobina”), localizada logo no acesso ao centro da cidade, foi construído em 2006, por iniciativa do vice-prefeito municipal Fernando da Cunha, para homenagear Jacobina. Percebe-se que naquele novo contexto, a líder dos Mucker revestia-se de um novo significado para a cidade, na medida em que ela foi a responsável pela projeção de Sapiranga em nível nacional, através do lançamento da obra cinematográfica *A Paixão de Jacobina*, que por sua vez, baseou-se na obra *Videiras de Cristal* de Assis Brasil. A partir desse contexto, Jacobina encontrava-se como heroína, cujos princípios acabaram sendo transformados em motivo de celebração. Observando-se o monumento encontramos, na sua base, uma inscrição com um breve perfil biográfico de Jacobina, de autoria de Daniel Gevehr, e que apresenta uma breve biografia de Jacobina.



Figura 5: Monumento de Jacobina (Acervo do Autor)

O imaginário, vale lembrar, tem como um de seus pontos de referência – e de lembrança – os *lugares de memória*, na expressão de Pierre Nora, para quem *a memória pendura-se em lugares assim como a história em acontecimentos* (1993, p. 25). Acreditamos que a sepultura do Cemitério do Amaral Ribeiro, a cruz e os monumentos de Genuíno e de Jacobina, desempenham, enquanto lugares de memória, papel fundamental no processo de construção do imaginário sobre os Mucker.

Além desses lugares, que nos remetem a lembrança dos Mucker, encontramos outros vários lugares – de memória – em Sapiranga que nos fazem lembrar do conflito, num exercício cotidiano de relembrar os Mucker e os fatos e personagens associados a eles. Exemplos concretos dessas iniciativas da comunidade, no sentido de manter viva a memória do tempo dos Mucker, tivemos em 1901, com a fundação do Clube 19 de

Julho. Chamamos a atenção para a data de sua fundação, 19 de julho, dia e mês em que a casa de Jacobina foi destruída pelas forças imperiais no Ferrabraz. Cremos existir aí bem mais que uma simples coincidência, já que esta data era bastante significativa para a comunidade, por representar a data em que a “fortaleza do Ferrabraz” foi destruída. Embora não tenhamos fontes documentais ou testemunhos orais para corroborar nossa hipótese, impõe-se a possibilidade de vincularmos as duas datas do dia 19 de julho, a de 1874 e a de 1901.

Em 1937 se deu a criação e a inauguração do atual Instituto Estadual Coronel Genuíno Sampaio, localizado na zona central da cidade e, portanto, lugar de passagem e circulação da comunidade. A denominação da principal escola pública de Saporanga foi realizada através do Decreto nº 6702 de 27 de agosto de 1937. Assim o herói da luta contra os Mucker tinha seu nome materializado em uma das mais importantes instituições da localidade e cuja lembrança se mantinha viva na memória de seus moradores cotidianamente. Também o CTG Pedro Serrano, fundado em 24 de junho de 1952 merece destaque nessa perspectiva de análise. Sua denominação aparece na documentação pesquisada desde 1961, fazendo com que todos relembressem a atuação de Pedro Schmidt (conhecido pelos moradores da região à época do conflito como Pedro Serrano), como líder local das tropas de Genuíno no episódio do Ferrabraz, ao lado do Coronel, tendo Jacobina como rival. O principal aliado de Genuíno teve, dessa forma, seu nome registrado na memória da comunidade, sendo materializado em uma das instituições mais importantes do âmbito da vida cultural de seus moradores, que era o CTG.

Nesse contexto de mudanças, a municipalidade (criada através da emancipação de São Leopoldo em 1955) daria início a um processo – significativo – de construção de símbolos e nomeações de espaços da cidade, que inevitavelmente remeteram a história dos Mucker. Nomes de ruas, praças e avenidas que identificavam, num primeiro momento apenas aqueles que lutaram contra os Mucker apareceram de forma evidente. Somente no final do século XX e principalmente a partir de 2002, com o lançamento do filme, a municipalidade tratou de promover a nomeação de diferentes espaços da cidade de *Jacobina* ou outras denominações que se associavam a fatos ou personagens ligados diretamente ao lado dos Mucker. Era um novo tempo, em que a possibilidade de associar o nome de Jacobina com o desenvolvimento do turismo local se apresentava como uma grande possibilidade.

De acordo com José de Meneses (2004, p. 21) a história e o turismo cultural, em seus limites interpretativos, *monumentalizam eventos e musealizam existências*. É nessa perspectiva que entendemos que os Mucker e Jacobina foram alvo de um amplo

processo de ressignificação, em decorrência do projeto de desenvolvimento do turismo local, desencadeado no final do século XX e início do século XXI.

Conhecidos em função da literatura e do cinema, os Mucker e sua líder Jacobina passaram a assumir uma nova representação, uma vez que poderiam servir aos interesses econômicos e políticos do município, na medida em que poderiam projetar a cidade no roteiro turístico nacional. Isso ocorreu de fato, através da criação dos *Caminhos de Jacobina* em 2001. Esse projeto resultou da parceria entre o Departamento de Turismo de Sapiranga e o SEBRAE e contemplou diferentes lugares de memória dos Mucker. Através dele a comunidade percebeu a possibilidade de se valer da história, antes até mesmo negada ou negligenciada por muitos, para promover o desenvolvimento do município.

Exemplo dessa nova perspectiva, temos no folder produzido para promover o turismo da região do Vale dos Sinos e intitulado *Caminhos do Vale: Rota turística*. Esse está organizado de forma que cada um dos municípios envolvidos no projeto mostre sua história e os principais pontos turísticos. Na parte intitulada Conheça Sapiranga, encontramos, na introdução, o subtítulo *Caminhos de Jacobina*, em que é apresentada uma breve síntese da sua história e o significado desse roteiro turístico que permitia aos visitantes conhecer parte da história do município de Sapiranga, cujas origens se associava aos Mucker.

Outro aspecto que nos chama a atenção nesse processo de construção do projeto de desenvolvimento do turismo da cidade é o logotipo criado para identificar os *Caminhos de Jacobina*. Este tem como imagem o busto de Jacobina vista de perfil, ao qual é justaposto o título *Caminhos de Jacobina*. Chama-nos a atenção a evidência dada à líder dos Mucker. Sua imagem estilizada é empregada simbolicamente para fomentar o turismo da região, e seu nome é transformado em ícone para atrair a atenção dos visitantes.

A representação da mulher guerreira e sagaz é trazida como justificativa para esse enaltecimento construído e materializado pelo projeto em questão. Curiosamente, enquanto Jacobina é enaltecida pelos moradores de Sapiranga, Genuíno é – a partir de então – gradativamente condenado a uma participação coadjuvante. Cabe observar, no entanto, que mesmo após essa valorização de Jacobina, e que deu origem ao roteiro turístico, ela continuou sendo apresentada como alguém que liderou um *grupo de fanáticos religiosos* e que teria se autodenominado *reencarnação de Cristo*, conforme podemos verificar no texto impresso no folder *Conheça Sapiranga*.

Como podemos observar, as placas indicativas colocadas pela prefeitura nos diferentes lugares que constituem os *Caminhos de Jacobina* (Fig. 6) servem de guia para os visitantes. No exemplo abaixo observamos a placa que aponta para a cruz de

Jacobina, no morro Ferrabraz, simbolizando o local onde Jacobina foi assassinada pelo exército em 1874.



Figura 6: Placa Indicativa dos Caminhos de Jacobina (Acervo do Autor)

Ao lado da cruz de Jacobina, também encontramos uma placa (Fig. 7) que apresenta aos visitantes um breve resumo sobre o conflito e enfatiza o papel assumido por Jacobina na história do conflito.



Figura 7: Placa Indicativa dos Caminhos de Jacobina (Acervo do Autor)

O texto apresentado não teve a participação de nenhum historiador em sua elaboração. Ele chama a atenção por reconstituir um cenário marcado por armas de guerra, fogo e gritos, recriando o ambiente no qual Jacobina foi assassinada. Ao descrever Jacobina, ele a apresenta, mais uma vez, como líder de um *grupo de fanáticos religiosos e como reencarnação de Cristo*. Já os Mucker são apresentados como *uma pequena comunidade de fanáticos religiosos que se formou ao pé do morro Ferrabrás*. O ambiente de mistério que envolvia o morro Ferrabraz é recriado através

de expressões como *gritos terríveis, triste episódio, profundo espírito religioso e fanáticos religiosos*, reforçando, ainda, a associação entre mistério e fanatismo.

No monumento inaugurado em 1932 para homenagear Genuíno encontramos uma placa (Fig. 8) que apresenta uma breve biografia do personagem. Genuíno é descrito como o chefe das operações militares que dizimaram os Mucker. Chama-nos a atenção a justificativa dada para o fato de este monumento se encontrar no mesmo lugar em que anteriormente se localizava a casa dos Maurer. Afinal, aquele era o lugar, segundo a interpretação apresentada, onde Jacobina e seu marido realizavam suas práticas religiosas e de cura, motivo que teria deflagrado o conflito no século XIX.



Figura 8: Placa Indicativa dos Caminhos de Jacobina (Acervo do Autor)

Temos ainda, como parte importante dos *Caminhos de Jacobina* o lugar conhecido como *Colônia de Jacobina*, sendo esse um dos pontos turísticos mais explorados do roteiro. O lugar, que serviu de cenário para as filmagens do filme *Paixão de Jacobina*, está situado no alto do morro Ferrabraz, na localidade de Picada Schneider, zona rural de Sapiranga e apresenta aos visitantes o cenário construído pela equipe de filmagens para a produção de *A Paixão de Jacobina*.

Entre os diferentes lugares de memória construídos sobre os Mucker, encontramos ainda a *Pedra Branca de Jacobina* (Fig. 9). Ela destaca-se na paisagem, atraindo um bom número de turistas e a atenção dos que sobem o morro para a prática do vôo livre.

Na placa que identifica a *Escadaria na Pedra Branca de Jacobina* encontramos duas inscrições bastante significativas e que procuram explicar aos visitantes o significado do lugar. É informado na placa que o lugar teria abrigado Jacobina e seus

adeptos após o ataque sofrido em 19 de julho e do qual resultou o incêndio de sua casa. É preciso, contudo, esclarecer que essa informação não procede, já que o local escolhido pelos Mucker para se esconderem das forças imperiais foi aquele onde encontramos a cruz de Jacobina, e não a caverna como menciona a placa.



Figura 9: Pedra Branca (Acervo do Autor)

A caverna existente no morro Ferrabraz é, também, constantemente associada pelos moradores de Sapiranga ao lugar em que os Mucker, a mando de Jacobina, guardavam armas, mantimentos e escondiam-se em situações de ataque. Percebe-se nessas placas, a veiculação de informações sobre a história e também sobre os lugares associados a ela, que nem sempre se mostram fiéis àquilo que a historiografia ou até mesmo a documentação existentes nos permitem afirmar como reais.

Finalmente, ao identificarmos os lugares de memória dos Mucker, chegamos a algumas constatações importantes e que apontam para as razões de sua criação em diferentes momentos da história. Jacobina Maurer e Genuíno Sampaio foram os personagens eleitos pela comunidade para representarem, respectivamente, os Mucker e seus combatentes. Se, num primeiro momento, Jacobina é representada como a líder dos Mucker e associada a condutas condenáveis, Genuíno é representado como herói, ao ter dado sua vida ao combatê-los. Já num segundo momento, especialmente a partir da década de 1990, Jacobina passa a ser apresentada como uma heroína, com características morais que a enalteciam, ao mesmo tempo em que Genuíno tem sua atuação reavaliada, sendo colocado como personagem coadjuvante.

A partir das últimas décadas do século XX se percebe um novo olhar sobre a questão. Marcos significativos dessas novas abordagens são, sem dúvida, o apelo comercial e turístico de que foram alvo esses lugares de memória e a produção literária e cinematográfica que muito contribuíram para que Jacobina fosse alçada à condição

de protagonista e líder social e, especialmente, desempenhasse a função de guia turística pelos *Caminhos de Jacobina*.

Se, no passado, a líder dos Mucker era associada pela comunidade a uma mancha que *borrava* sua imagem, a partir de então, ela será compreendida como a mulher que motiva o seu *orgulho*. É nessa dinâmica das representações e da construção de imagens que *Genuíno*, tido como herói no passado por ter apaziguado a colônia, terá sua imagem confrontada com a de Jacobina, transformando-se em um personagem secundário. Diante disso, é possível afirmar que, no início do século XXI, Jacobina saiu vitoriosa na luta pelas representações, sendo celebrada pelos e nos *Caminhos de Jacobina*.

A construção da imagem da líder dos Mucker, entretanto, continua promovendo intensos debates, na medida em que Jacobina não tem um corpo, um rosto ou até mesmo vestígios deixados por ela que nos permitem afirmar como era, de fato, a líder dos Mucker. Essa questão pode ser percebida nas tentativas de se recriar Jacobina através de diversas pinturas ou até mesmo da criação de estereótipos associados a atrizes globais – como foi o caso de Letícia Spiller - ainda que sem muitas referências concretas de como era fisicamente a líder dos Mucker. A associação de Jacobina ao ambiente religioso e a também a flor símbolo de Sapiranga, a rosa, são bons exemplos de como ela é representada.

Finalmente, percebemos que os diferentes elementos que constituem a dinâmica de construção das imagens e das representações sobre os Mucker – e de forma mais expressiva – sobre Jacobina, nos permitem compreender como esse episódio, ocorrido no final do século XIX na Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo (RS), provocou e, ainda continua provocando, intenso debate sobre as diferentes “faces” de um dos capítulos mais significativos da história da imigração alemã no sul do Brasil. A materialidade exposta nos lugares de memória da cidade de Sapiranga reafirma essa percepção, na medida em que, percorrendo “Os Caminhos de Jacobina”, temos a possibilidade de compreender como uma coletividade pode re(afirmar) sensibilidades, que muitas vezes se materializam nos lugares, produzidos historicamente por diferentes grupos sociais e em diferentes épocas e contextos.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. **Conflito social no Brasil**: a revolta dos Mucker. São Paulo: Símbolo, 1978.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Videiras de cristal**: o romance dos Muckers. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginários sociais**: memórias e esperanzas colectivas. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 11, nov. 1991.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias**: um estudo sobre os Muckers e seu tempo. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.

DOMINGUES, Moacyr. **A nova face dos Muckers**. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História PUCSP, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Luiz Antônio de. O teatro da memória e da história: Alguns problemas de alteridade nas representações do passado presentes no culto aos mártires de Canhaú – RN. **Revista de Humanidades**. Caicó, v. 4. n. 8, p. 80-110, abr./set. 2003.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORI, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002.